

Homoerotismo em *Os dois primos nobres*, peça de William Shakespeare e John Fletcher

*Homoeroticism in The Two Noble Kinsmen,
play by William Shakespeare and John Fletcher*

Sharmilla O'hana Rodrigues da Silva*

Resumo

Pode-se resumir o homoerotismo como sendo o relacionamento - não necessariamente físico, porém até mesmo idealizado - entre pessoas do mesmo sexo. Sendo assim, o objetivo deste artigo é analisar o tema erotismo em *Os dois primos nobres*, peça de teatro escrita em 1613 por William Shakespeare e John Fletcher. O texto trata da amizade entre Arcite e Palamon, primos e cavaleiros de Tebas que, após uma batalha com atenienses, são capturados. Enquanto prisioneiros de guerra, declaram e prometem uma devoção intensa um para o outro. Assim também acontece com outras personagens na peça, que têm expostos sua relação e seu desejo de nunca ficarem longe do alvo de seu afeto. Como base teórica, são tomadas como pontos de partida as ideias de: Bataille (1987), Giddens (1993), Foucault (1999), Charney (2000), Barcellos (2006), Bevington (2008) e Dickson (2009).

Palavras-chave

Homoerotismo. Teatro. William Shakespeare. John Fletcher. *Os dois primos nobres*.

Abstract

Homoeroticism can be summarized as the relationship - not necessarily physical, but even idealized - between people of same sex. Thus, this study's objective is analyze the theme of eroticism in *The Two Noble Kinsmen*, play written in 1613 by William Shakespeare and John Fletcher. The text deals with friendship between Arcite and Palamon, cousins and knights of Thebes who are captured, after a battle with Athens army. While they are war prisoners, they declare and promise intense devotion to each other. This also happens with other characters of the play, who have exposed their relationship and desire of never be far from the target of their affection. As theoretical basis, we take as starting points the ideas of: Bataille (1987), Giddens (1993), Foucault (1999), Charney (2000), Barcellos (2006), Bevington (2008) and Dickson (2009).

Keywords

Homoeroticism. Drama. William Shakespeare. John Fletcher. *The Two Noble Kinsmen*.

* Universidade Estadual do Piauí (UESPI).

Considerações iniciais

Considerado um dos maiores escritores do mundo, William Shakespeare (1564-1616) consagrou-se na poesia e no teatro. Neste gênero, teria escrito 39 peças entre comédias, tragédias e dramas históricos. Algumas delas, porém, foram produzidas em coautoria com outros escritores. Na Era Elisabetana (1558-1603), esse tipo de trabalho era bastante incentivado: “[...] escrever peças em colaboração era a regra para dramaturgos elisabetanos mais do que a exceção” (DICKSON, 2009, p. 154, tradução nossa)¹. John Fletcher (1579-1625) foi um desses colaboradores.

De acordo com Charney (2000, p. 3), algumas análises das obras de Shakespeare enfatizam “a grande quantidade de material homoerótico” presente nelas. A peça *Os dois primos nobres* [*The Two Noble Kinsmen.*] bebe nessa fonte, apresentando dois homens, cavalheiros e guerreiros, que acabam por demonstrar sua devoção um pelo o outro, jurando renegar qualquer mulher que deles se aproximar e atrapalhar sua amizade.

Contudo, a relação entre Arcite e Palamon e outras amizades masculinas em Shakespeare não são unanimemente reconhecidas como homossexuais, apesar de que algumas encenações são assim interpretadas, como explica Bevington (s. d., p. 46): “No teatro de hoje, as amorosas amizades entre homens em Shakespeare são frequentemente representadas como abertamente homossexuais”.

Nesse sentido, o objetivo neste artigo é analisar o erotismo na relação de amizade entre as citadas personagens de Shakespeare e Fletcher em *Os dois primos nobres* a fim de realizar uma leitura homoerótica da peça. Para isso, são revisados os conceitos a partir das teorias de Bataille (1987) sobre o erotismo, de Giddens (1993) sobre amor e sexualidade, de Foucault (1999) sobre controle e sexualidade e de Barcellos (2006) especificamente sobre homoerotismo.

Em seguida, é detalhada a produção do texto escrito a quatro mãos, tendo como fontes as ideias de autores que analisam a obra de Shakespeare. São eles: Bevington (s.d.) e sua visão sobre sexualidade e gênero; Charney (2000) e seu texto sobre os discursos homoeróticos; Dickson (2009) com leituras variadas da peça; e Santos (2017) em explicação sobre contexto, fonte e conflito da peça. Por último, procede-se à análise das teorias mencionadas a partir de trechos da peça em inglês e da tradução para o português brasileiro de José Roberto O’Shea, publicada em 2017.

¹ “[...] writing plays in collaboration was the rule for Elizabethan dramatists rather than the exception.”

Sobre o estudo do homoerotismo na literatura, Barcellos (2006, p. 7) aponta para a necessidade de discutir as teorias metodológicas vigentes com o objetivo de não reproduzir ideias preconceituosas e redutoras. O erotismo é, de acordo com Bataille (1987, p. 10), uma procura psicológica cuja satisfação está no processo de conquista e não obrigatoriamente em algum ato físico. Assim, uma leitura homoerótica em textos literários pode revelar o amor puro entre amigos do sexo masculino, caracterizando “uma história emocional secreta” (GIDDENS, 1993, p. 11).

Erotismo e homoerotismo

O erotismo evoca o desejo, podendo o ato sexual ser concretizado ou não. Seu objetivo é a satisfação psicológica através do desnudamento do(a) parceiro(a), pois a nudez revela a intimidade. É um jogo de sedução, uma tentativa de conquista. O desejo, porém, não se limita ao corpo físico, tentando também o desequilíbrio psicológico do(a) parceiro(a) a ponto de sugerir uma dependência emocional, não necessariamente negativa.

Nessa relação íntima entre dois seres humanos, o corpo é visto como símbolo de vida e de morte. O erotismo está relacionado à reprodução assexuada na qual um indivíduo surge de outro. Esse nascimento permite vínculos profundos como elo entre os dois envolvidos, ou a continuidade de sua existência. A morte surge da solidão que o mesmo envolvimento íntimo pode causar, fazendo com que continuem a ser dois corpos e almas distantes e descontínuas. Assim, o erotismo surge como um tipo de paixão que: “[...] Ao amante parece que só o ser amado [...] pode neste mundo realizar o que nossos limites não permitem, a plena fusão de dois seres, a continuidade de dois seres descontínuos” (BATAILLE, 1987, p. 15).

Ou seja, um indivíduo entende que o outro é fonte de segurança emocional que pode levar a uma relação harmoniosa com o mundo. Há o desejo de possuir o outro, o contentamento está em dominá-lo, mantê-lo por perto. O indivíduo erótico amplia sua individualidade ao compartilhá-la com outro, quer deixar de ser descontínuo para ser contínuo, ou de estar sozinho para estar com o sujeito do seu afeto.

Bataille (1987, p. 13-14) ainda enumera três tipos de erotismo: 1) dos corpos, do qual resulta o contato físico pelo ato sexual e a descontinuidade; 2) dos corações, apresentado como a paixão dos amantes que pode gerar violência devido à dependência do(a) parceiro(a); e o 3) sagrado, que é a busca pelo amor divino, um

sentimento do qual brota a continuidade. Esses tipos de erotismo serão aplicados adiante.

Devido às transformações de pensamento na sociedade, novas formas de relacionamento foram surgindo e sendo aceitas. Porém, é necessário lembrar que a aparente harmonia tenta ofuscar as sexualidades desviantes, tendo como discurso a necessidade de sua repressão, visto que “[...] Civilização significa disciplina, e disciplina, por sua vez, implica controle dos impulsos interiores” (GIDDENS, 1993, p. 27). Então, a homossexualidade - por atividade ou por desejo - foi considerada distúrbio psicológico e comportamento de pervertidos.

A citação remete à teoria do filósofo francês Michel Foucault sobre o poder que a sociedade exerce sobre o indivíduo através de vigilância e punição. Para ele, “[...] o poder penetra e controla o prazer cotidiano - tudo isso com efeitos que podem ser de recusa, bloqueio, desqualificação, mas também de incitação, de intensificação, em suma, as "técnicas polimorfos do poder" (FOUCAULT, 1999, p. 15-16).

O poder do qual Foucault trata funciona tanto para controlar como para produzir prazer, por isso a sexualidade é vista como valor desafiador e complexo. Discursos contrários à liberdade sexual são intensos desde o século XVIII com o objetivo de preservar o Estado. A ideia, por sua vez, leva ao estudo de Bataille (1987) sobre erotismo, interdição e transgressão. As interdições são restrições sociais que regulam a vida coletiva, enquanto as transgressões são rupturas nessa organização e são vistas como pecado, ou desobediência aos valores religiosos cristãos. Aparentemente opostas, elas se complementam, pois o indivíduo passa do estado da ordem para o mundo da sedução; ou seja, é na transgressão que surge o ser erótico, o indivíduo que reage por instinto.

Levando-se em consideração que falar de sexo e da relação entre indivíduos do mesmo sexo é proibido ou possível de punição, discursar sobre eles atualmente é um ato transgressivo, como ainda afirma Foucault (1999, p. 11): “[...] Quem emprega essa linguagem coloca-se, até certo ponto, fora do alcance do poder; desordena a lei; antecipa, por menos que seja, a liberdade futura.” Observando o desenvolvimento histórico do assunto, percebe-se que, após a Idade Média (476-1492), a relação íntima masculina passa a ser alvo de preconceito, resultado de discursos ideológicos com vistas ao mesmo objetivo da criação do amor romântico:

[...] a gênese histórica da homossexualidade e da cultura *gay* moderna está ligada aos sistemas sociais de controle que visam a impedir o desenvolvimento de relações afetivas entre homens, fica claro que a hipertrofia do sexo e da corporeidade nas relações homoeróticas corresponde precisamente à interdição da construção de espaços de afetividade e intimidade, sequestrados de maneira exclusiva para as relações heterossexuais e familiares (BARCELLOS, 2006, p. 237).

Outro aspecto interessante, e que por muito tempo foi entendido como contrário ao erotismo, é o amor romântico. Nele, pelo menos até o início do século XX, exigia-se a castidade feminina que levaria ao casamento e que, por sua vez, seria a vivência contínua do romance, sem desejos sexuais ou eróticos — procurados muitas vezes em outras relações. É à primeira vista que esse tipo de amor se concretizaria: “[...] o amor romântico implica atração instantânea [...]. Entretanto, na medida em que a atração imediata faz parte do amor romântico, ela tem de ser completamente separada das compulsões sexuais/eróticas do amor apaixonado” (GIDDENS, 1993, p. 51). O amor romântico seria destinado ao casamento entre homem e mulher.

O conceito de homoerotismo é resultado dos vários discursos sociais ao longo da história, assumindo diferentes configurações de acordo com os contextos nos quais se situa. É explicado também como uma expressão suavizada e usada no lugar de homossexualismo, que seria um termo pejorativo. Está também intimamente ligado às ideias de homossexual e *gay*, podendo confundir-se com elas ou não, dependendo de seus defensores. Ao mesmo tempo, pode ser entendida como: “[...] uma prática social a partir da qual se pode constituir tanto uma tradição cultural quanto um estilo de vida, que, até certo ponto, podem se tornar ‘independentes’ daquelas mesmas práticas e vivências sexuais ou afetivas que os geraram” (BARCELLOS, 2006, p. 73, destaque do autor).

Nesse sentido, o homoerotismo estaria relacionado a uma prática e não a uma identidade, entendido como um conjunto de códigos vividos por um grupo, sendo seu conhecimento de grande relevância para alguns estudos. Neste artigo, adota-se como homoerotismo o desejo que indivíduos do mesmo sexo têm um pelo outro, mas que não se concretiza no ato sexual. É uma codependência afetiva, resultado de intimidade social.

A peça de Shakespeare e Fletcher

Os dois primos nobres é uma adaptação de *O conto do cavaleiro* [*The Knight's Tale*], uma das histórias presentes na coletânea *Os contos da Cantuária* [*The*

Canterbury Tales], de Geoffrey Chaucer escrita entre 1387 e 1400. Ocorrendo na Idade Média, o citado conto de Chaucer enfatiza a cavalaria e o amor cortês. Não há referência explícita ao homoerotismo, tal como se defende aqui. Em Chaucer, a relação de Arcite e Palamon é tratada como uma amizade desfeita pela paixão por uma mulher e finalmente refeita.

A última peça de Shakespeare foi escrita em 1613², pela primeira vez em coautoria com Fletcher quando os dois trabalhavam para a companhia *Homens do Rei* [*The King's Men*]. É um dos textos menos conhecidos, segundo Santos (2017, p. 9), pelos seguintes motivos: por não fazer parte do primeiro fôlio de obras completas, publicado em 1623—aparecendo depois em 1634 em forma de *in-quarto*; por ser fruto de colaboração, baseado em romance medieval; e por ter sido encenado poucas vezes ou com outro título.

O texto é geralmente classificado como tragicomédia e/ou peça tardia—devido ao período de escrita/encenação, e parece haver um consenso sobre como a colaboração foi realizada—através do estudo da linguagem da caracterização de algumas personagens. De qualquer maneira, “As provas da dupla autoria são mais facilmente evidenciadas na leitura, do que na performance” (SANTOS, 2017, p. 10).

Em relação ao homoerotismo nas peças de Shakespeare, Charney (2000, p. 159) explica que é um tema polêmico, pois nos séculos XVI e XVII, os termos homossexualidade, lesbianidade, bissexualidade, amizade masculina e amizade feminina não faziam referências a ideologias sexuais. Logo, uma leitura de *Os dois primos nobres* pode levar à defesa da relação entre Arcite e Palamon apenas como amizade masculina. E as performances teatrais pendem para ambas as teorias. Mesmo as expressões faciais e maneiras de pronunciar o discurso levam a crer em uma ou outra.

Em obras de Shakespeare, as falas consideradas homoeróticas de personagens do mesmo sexo reforçam o tema do amor e as diferentes sexualidades vivem harmonicamente e sem se contradizer. Essa visão contribui para uma aproximação do contexto atual ao mesmo tempo em que apresenta a ideia da amizade masculina como de grande valor espiritual, frequente nas literaturas elisabetana e jacobina.

² Outra peça dos dois é *Henrique VIII* [*Henry VIII*], que foi escrita entre 1613 e 1614, entrando para o primeiro fôlio dez anos depois.

Um exemplo de insinuação ao caráter homoafetivo da peça foi mostrado em uma de suas adaptações teatrais encenadas em 1979. A *Cherub Company*, companhia londrina criada por Andrew Visnevski, “[...] enfatizou os laços homosociais íntimos entre os dois parentes com um elenco completamente masculino” (DICKSON, 2009, p. 423, tradução nossa)³. Acredita-se que esse desejo pode surgir em um texto shakespeariano, na seguinte condição:

[...] Shakespeare encontra igual valor e estímulo intelectual em relacionamentos amorosos entre dois homens ou entre duas mulheres, onde a compartilhada amizade é tudo e o sexo não está, pelo menos nominalmente, envolvido. O desejo sexual é muito insistente, mas ele pode também facilmente tornar-se degradado, por isso precisa ser relegado a um status menor na hierarquia dos valores (BEVINGTON, s.d., p. 50-51).

Neste sentido, compreende-se que não há relação direta entre a aproximação afetiva homoerótica e o ato sexual. Shakespeare via tais relações também como necessidade racional com vista a aprimorar a erudição. A continuidade, conceito proposto por Bataille, permite o desejo da união, do sentimento de uma totalidade indivisível, a partir do qual um indivíduo aprende com o outro, absorve experiências e discursos que sozinho não conseguiria. Arcite e Palamon, sentindo satisfação um com a companhia do outro, poderiam levar a crer neste posicionamento, que leva em conta suas conversas sobre política em Tebas, batalhas e habilidades em guerra.

Ao traçar um perfil da Londres da época de Shakespeare e Fletcher, questiona-se como as questões de sexo e gênero eram retratadas nas peças de teatro, visto que havia um intenso debate sobre os limites de ambas. Analisando os textos shakespearianos, Bevington (s.d., p. 23-24) chega à conclusão de que o escritor inglês: “regularmente atenua a natureza sexual experimental e explícita de suas fontes de um modo que parece consistente com a demanda de sua companhia de atuação e os londrinos a quem eles aparentemente desejavam agradar.”

A citação acima parece evidenciar a preocupação do dramaturgo em mostrar a existência das relações homoafetivas em meio à limitação de conteúdos no teatro elisabetano. Acredita-se que as interpretações recentes, do último século, sobre a amizade de Arcite e Palamon manifestam de forma livre o amor entre indivíduos do mesmo sexo, consideradas desviantes e pecaminosas, social e religiosamente, em épocas anteriores.

³ “[...] stressed the intimate homosocial ties between the two kinsmen with an all-male cast”.

Santos (2017, p. 21-22) confirma esta ideia ao tratar de uma “ambivalência sexual” na relação entre os primos que se declaram um para o outro de forma afetuosa e confessional. Charney (2000, p. 160) defende a ideia que há discursos tanto homo quanto heterossexuais e que eles não se anulam em *Os dois primos nobres* em específico. Os leitores perceberão que outros casais de personagens se encaixam no relacionamento íntimo com indivíduos do mesmo sexo. É o caso de Teseu e Pírito, e Emília e Flavina—esta é apenas mencionada.

Um dos discursos heterossexuais pertence à filha do carcereiro que se apaixona por Palamon e facilita a fuga dele. Ela pouco está presente no conto de Chaucer, ganhando mais espaço na peça aqui analisada. Muitos críticos elogiam a (re)criação da personagem que traz profundidade psicológica no seu drama da paixão platônica por Palamon.

Dickson menciona que o relacionamento íntimo entre homens em *Os dois primos nobres* é uma espécie de “incrível doutrina de autossuficiência mútua” (DICKSON, 2009, p. 418, tradução nossa)⁴—a partir da qual um precisa apenas do outro—e lembra que a partida de ambos resulta de ato voluntário. Por não concordar com as ações do tio, eles decidem sair de Tebas e ir embora juntos.

Homoerotismo em *Os dois primos nobres*

Na peça aqui analisada, Arcite e Palamon são primos e sobrinhos de Creonte, rei de Tebas. Considerado tirano e desonroso, é derrotado em batalha por Teseu, duque de Atenas. Este, por sua vez, é casado com Hipólita e cunhado de Emília.

Com Tebas em ruína, Arcite e Palamon decidem ir embora. É na primeira aparição dos primos que se percebe a relação entre eles, como afirma Arcite: “Caro Palamon, mais caro no afeto/ Que no sangue, meu primo favorito” (SHAKESPEARE; FLETCHER, 2017, p. 43)⁵. Eles concordam que não querem ser dominados pelos atenienses, porém reconhecem a tirania do tio. Ao mesmo tempo, o soldado declara preferência por este parente em específico.

Durante a fuga, Arcite e Palamon são capturados e presos. É a filha do carcereiro que, na primeira cena do segundo ato, relata a situação dos dois. Recentemente encarcerados, estão animados e não se lamentam do destino. Preocupando-se com o futuro, acreditam que nunca mais participarão de batalhas,

⁴ “doctrine of mutual self-sufficiency is incredible”.

⁵ “Dear Palamon, dearer in love than blood,/ And our prime cousin”.

usarão suas armas e lutarão. Há entre eles amabilidade e consolo, como a mulher declara:

A mim parece que eles não têm mais consciência do cativo, do que eu de governar Atenas. Comem bem, estão animados, conversam sobre muitas coisas, mas nada falam sobre a prisão ou o revés que sofreram. Contudo, às vezes, um meio suspiro, que parece padecer ao ser libertado, escapa de um deles — o que o outro logo reprova, com tamanha amabilidade, que eu quisera ser o suspiro, para assim ser repreendida, ou a que suspira, para assim ser consolada (SHAKESPEARE; FLETCHER, 2017, p. 58)⁶.

A jovem parece encantada com a maneira gentil com a qual os primos se tratam. A forma com que um se dirige ao outro configura a satisfação em agradar com palavras amáveis. O desnudamento repousa no nível de intimidade entre ambos. O discurso proferido pelos primos objetiva a dependência emocional, fazendo-os acreditar que, sozinhos, não alcançam o equilíbrio de sua existência.

Pouco tempo depois, ao dialogarem sobre as esperanças perdidas, citam o casamento. Suas falas refletem características da ideologia heteronormativa. O medo é envelhecer sem casar. Não haverá carinho de uma esposa ou de filhos, a quem ensinariam e ecoariam sua descendência e feitos. A única maneira de escapar do sofrimento na prisão é compartilhando sua dor e, unidos, transformá-lo em algo positivo. Com a ajuda dos deuses, prometem resistir.

Assim, buscam encarar o cárcere como santuário sagrado, no qual devem ser devotados um ao outro. Caracterizam as mulheres como venenos, pois estando estas livres podem desviá-los de sua busca. É Arcite o primeiro a sugerir o homoerotismo: “[...] Juntos, aqui,/ somos u’a mina infinda, um para o outro;/ Somos esposos, cujo afeto sempre/ Renasce; somos pais, amigos sócios;/ Um a família do outro; sou teu herdeiro,/ E tu és o meu. O nosso legado/ é este lugar” (SHAKESPEARE; FLETCHER, 2017, p. 63)⁷.

Ainda enumerando os excessos que poderiam prejudicá-los individualmente ou interromper sua amizade, Arcite demonstra o quanto confia em Palamon ao dizer

⁶ “It seems to me they have no more/ sense of their captivity than I of ruling Athens. They/ eat well, look merrily, discourse of many things, but/ nothing of their own restraint and disasters. Yet ... / sometime a divided sigh -- martyred as 'twere i' th'/ deliverance -- will break from one of them, when the/ other presently gives it so sweet a rebuke that I could/ wish myself a sigh to be so chid, or at least a sigher/ to be comforted.”

⁷ “[...] And here being thus together,/ We are an endless mine to one another:/ We are one another's wife, ever begetting ... [II.80/ New births of love; we are father, friends, acquaintance;/ We are in one another, families --/ I am your heir, and you are mine; this place/ Is our inheritance”

que somente os olhos e as orações deste salvariam sua vida. Conclui sua fala afirmando que se estivessem livres seriam separados, inclusive por uma esposa.

Para que sua amizade tenha continuidade, ou gere vida, é necessário que os primos estejam sempre próximos, tenham sempre contato. Uma esposa seria a separação deles, o principal ponto da descontinuidade desta relação. O casamento de um deles com Emília levaria à solidão, por não ter a compreensão do semelhante, de quem lhe conhece tão bem.

Palamon parece convencido de que é mais seguro viver no cativeiro. Seu discurso é diferente, concentrado em situações generalizadas — não tão específicas quanto as do primo — como, por exemplo, a vida no reino de Creonte, cercado de vileza, injustiça e ignorância. Apesar de desejar a permanência daquela amizade, logo se apaixona por Emília e a rivalidade entre os dois homens se instala.

Depois que Palamon revela-se apaixonado por Emília, percebe que não está livre e passa a desejar não ficar mais preso. Seu acordo com Arcite é então rompido e este passa também a desejar a jovem. Vê-se a diferença entre os tipos de amor que ambos sentem — que podem ser analisados a partir da teoria de Bataille sobre os três tipos de erotismo.

Palamon quer adorá-la, tratá-la como deusa — o terceiro tipo; Arcite, por outro lado, quer concretizar o ato sexual — o primeiro tipo. E retornando à sua intimidade com o primo, faz-lhe uma proposta: “Não como tu, que queres venerá-la/ Qual deusa celestial e abençoada,/ Amo-a como mulher, p’ra desfrutá-la. Podemos amá-la ambos.” (SHAKESPEARE; FLETCHER, 2017, p. 70)⁸.

Arcite cobra a fidelidade feita anteriormente com tantas declarações, tendo Palamon certa vez afirmado que eles eram a mesma alma, a mesma pessoa. Mais uma vez, a heteronormatividade está presente através do conceito de fidelidade, ou ainda a possessividade sobre o outro, o que, por sua vez, está relacionado às ideias de vigilância e controle explicadas por Foucault. Percebemos que o amor que Arcite sente por Emília é revelado na mesma proporção do discurso de Palamon. Este acusa aquele de perseguição e exige um duelo, acreditando ser justo o combate.

Os primos, na relação homoerótica, compartilham suas esperanças e opiniões porque desejam fazer o mesmo com sua individualidade, não se incomodam com a

⁸ “I will not, as you do, to worship her/ As she is heavenly and a blessed goddess!/ I love her as a woman, to enjoy her --/ So both may love.”.

dependência, apesar de ela prejudicá-los depois, caracterizando o segundo tipo de erotismo. Não há o contato sexual dos corpos, entretanto há proximidade dos corações que se configura na paixão e, em seguida, na violência —o duelo, que não concretiza o desejo inicial do amor sagrado, aquele no qual a relação é sempre harmônica.

Em seguida, o duque Teseu liberta Arcite e o proíbe de retornar a Atenas. Enquanto Palamon acredita que o primo tem a vantagem de organizar um exército e a possibilidade do contato direto com Emília, Arcite sofre pensando na morte que a ausência do ser amado traz. Entendendo a relação entre os dois parentes como homoerótica, conclui-se que Arcite tem ciúme de Emília e nutre despeito por ela:

Banido deste reino? É um favor,/ uma graça p'la qual devo ser grato;/ Mas banido de livre desfrutar/ Do rosto por que morro foi castigo/ Estudado, morte inimaginável,/ Vingança que, fosse eu velho e perverso,/ Sobre mim, a soma dos meus pecados/ Não pesaria. Palamon, tens vantagem;/ Ficas, p'ra ver a luz daqueles olhos,/ Cada manhã, surgir à tua janela,/ E trazer-te vida; serás nutrido/ Pela doçura de u'a nobre beleza/ Que a natureza não vai superar./ Bons deuses! Como é feliz Palamon! Vinte contra um serão as chances/ De que ele fale co' ela, e se ela for/ Tão gentil quanto bela, será dele./ Ele tem uma lábia que aplaca/ Tempestades e encanta pedregulhos./ Haja o que houver, o pior é a morte./ Não saio deste reino. Sei que o meu/ É um monte de escombros, sem consolo./ Se eu for, ele a conquista (SHAKESPEARE; FLETCHER, 2017, p. 77-78)⁹.

A personagem não aceita ficar afastada e não concretizar sua paixão. Os elogios que faz ao primo podem ser encarados como frutos do seu desejo por ele e as qualidades atribuídas à Emília aparentam ironia ou até mesmo o reconhecimento de uma possível rivalidade.

Arcite retorna a Atenas e pede a Teseu para fazer parte do seu exército, porém passa a ser servo de Emília. O duque sugere que a cunhada observe bem o jovem tebano que parece digno da posição de esposo. Enquanto isso, a filha do carcereiro, apaixonada por Palamon, ajuda-o a fugir. Ele promete vingança, chamando o primo de traidor. Acreditando ter visto Emília antes de Arcite, Palamon estranha porque o primo a corteja.

⁹ “Banished the kingdom? 'Tis a benefit,/ A mercy I must thank 'em for; but banished/ The free enjoying of that face I die for --/ O, 'twas a studied punishment, a death/ Beyond imagination; such a vengeance/ That, were I old and wicked, all my sins/ Could never pluck upon me. Palamon,/ Thou has the start now -- thou shalt stay and see/ Her bright eyes break each morning 'gainst thy window,/ And let in life into thee. Thou shalt feed ... / Upon the sweetness of a noble beauty/ That nature ne'er exceeded, nor ne'er shall./ Good gods! What happiness has Palamon!/ Twenty to one he'll come to speak to her,/ And if she be as gentle as she's fair,/ I know she's his -- he has a tongue will tame/ Tempests and make the wild rocks wanton./ Come what can come,/ The worst is death. I will not leave the kingdom/. I know mine own is but a heap of ruins, ... / And no redress there. If I go he has her.”

A aproximação íntima entre pessoas do mesmo sexo ainda é considerada um comportamento que precisa ser corrigido, e este controle é exercido por quem tem o poder. Fazendo uma leitura atual da peça de Shakespeare e Fletcher, e conectando-a a essa realidade poderia-se concluir que Arcite e Palamon são reprimidos pela ideologia que impõe determinados mecanismos sociais — o casamento é um deles.

O casamento entre Emília e um dos primos cumpre sua função de preservar o Estado. As interdições, nessa visão, levam ao surgimento da família. Sendo assim, se Arcite e Palamon devem se separar por causa da jovem cunhada de Teseu, então que o façam. A relação entre os três não pode acontecer, pois há um elemento intruso.

Ainda assim, Arcite leva água e comida para o primo que está escondido. Mais uma vez, ele relembra a amizade entre ele e Palamon: “[...] Eu espero primo, e todos os dias,/ Virei por ti zelar nas horas vagas./ Por ti tenho amizade” (SHAKESPEARE; FLETCHER, 2017, p. 116)¹⁰. Durante o duelo, decidem se entregar como traidores da cidade de Atenas, prontos para serem executados por Teseu. Emília e Hipólita imploram pelas vidas dos dois homens, e pedem que eles sejam apenas exilados. Porém, percebendo a rivalidade entre eles, o duque decide manter o duelo e oferece ao vitorioso o direito de casar com Emília.

Arcite vence a batalha contra Palamon, porém não chega a casar, pois é acidentalmente morto em uma queda de seu cavalo. Emília, então, torna-se esposa de Palamon, que lamenta a ausência do primo em sua felicidade: “Ah ... primo, por que coisas desejamos/ Que nos custam a perda do desejo?/ Por que não se pode um amor ganhar/ Sem um amor perder?” (SHAKESPEARE; FLETCHER, 2017, p. 191).¹¹

Palamon é quem primeiro vê Emília e se revela apaixonado por ela, mas após a morte de Arcite demonstra igual amor pelo primo, retornando à conclusão sobre o relacionamento entre ambos.

Considerações finais

Neste artigo, o erotismo é entendido como manifestação da emoção humana, na qual há uma tentativa de conquista do ser amado. Bataille explica a dependência

¹⁰ “[...] I'll stay, cousin,/ And every day discourse you into health,/ As I am spared. Your person I am friends with”.

¹¹ “O cousin,/ That we should things desire which do cost us ... / The loss of our desire! That naught could buy/ Dear love, but loss of dear love!”

como fator necessário à relação de continuidade entre os indivíduos. Tal é o caso de Arcite e Palamon, personagens de *Os dois primos nobres* que mantêm forte amizade e prometem devoção um ao outro até que se apaixonam pela mesma mulher. Sendo assim, a relação entre eles pode ser lida como homoerótica.

O duelo no qual decidem lutar por Emília, de certa maneira, faz alusão à teoria de Foucault, para quem a sociedade cria dispositivos para controlar o indivíduo. No texto analisado, o controle configura-se na impossibilidade de as três personagens viverem uma relação harmônica. O novo objeto de desejo precisa ser disputado e ganhado pela força masculina, demonstrando assim sua virilidade. A conquista de Emília interrompe a amizade de vários anos.

Defende-se a relação de Arcite e Palamon como homoerótica, como uma expressão da emoção independente do contato sexual. A partir da ideia de Barcellos, a relação erótica não define a identidade do indivíduo. Sendo assim, os primos apenas são íntimos em suas confidências e sonhos. Os discursos no cárcere podem ser analisados como a demonstração de amor e respeito que ambos sentem um pelo outro. Suas falas são tentativas de consolo.

Em relação à autoria da peça, Fletcher não é tão famoso quanto Shakespeare, pois, dentre outros aspectos, muitos registros de sua vida e carreira não sobreviveram. Colaborou com outros dramaturgos, como também escrevia sozinho suas próprias peças. De qualquer forma, a partir dos estudos de Bevington, Charney, Dickson e Santos, conclui-se também que as duas personagens fictícias fazem parte de uma situação que acontece com outras no mesmo texto, que deixam explícita sua intimidade.

Por fim, este artigo apresenta uma leitura do texto estudado, a partir da teoria do homoerotismo. Acredita-se que a ficção, aqui representada por *Os dois primos nobres*, contribui para a representação e a reflexão de uma das várias experiências vividas em sociedade. Interessante é notar a relevância da estória de Arcite e Plamon que, quatrocentos anos depois, ainda tem tanto a dizer.

Referências

BARCELLOS, José Carlos. *Literatura e homoerotismo em questão*. Rio de Janeiro: Publicações Dialogarts, 2006. (Em Questão).

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Tradução de Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.

BEVINGTON, David. *As ideias de Shakespeare: mais coisa no céu e na terra*. Tradução de Rafael Antonio Blanco. Shakespeare Brasileiro. s.d. Disponível em: <https://shakespearebrasileiro.org/wp-content/uploads/2015/04/shakespearebrasileiro.org-As-Ideias-de-Shakespeare-David-Bevington.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2020.

CHARNEY, Maurice. *Shakespeare on Love and Lust*. Nova York: Columbia University Press, 2000.

DICKSON, Andrew. *The Rough Guide to Shakespeare: The Plays, The Poems, The Life*. 2. ed. Londres: Rough Guides, 2009.

FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade I: A vontade de saber*. 13. ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1993. (Biblioteca Básica).

SANTOS, Marlene Soares dos. Introdução. In: SHAKESPEARE, William; FLETCHER, John. *Os dois primos nobres*. Tradução de José Roberto O'Shea. São Paulo: Iluminuras, 2017. p. 9-23.

SHAKESPEARE, William; FLETCHER, John. *Os dois primos nobres*. Tradução de José Roberto O'Shea. São Paulo: Iluminuras, 2017.

SHAKESPEARE, William; FLETCHER, John. *The Two Noble Kinsmen*. 2002. Disponível em: https://sourcetext.files.wordpress.com/2018/01/1634_two_noble_kinsmen.pdf. Acesso em: 11 jun. 2020.

Recebido em: 28/09/2020
Aprovado em: 05/04/2021